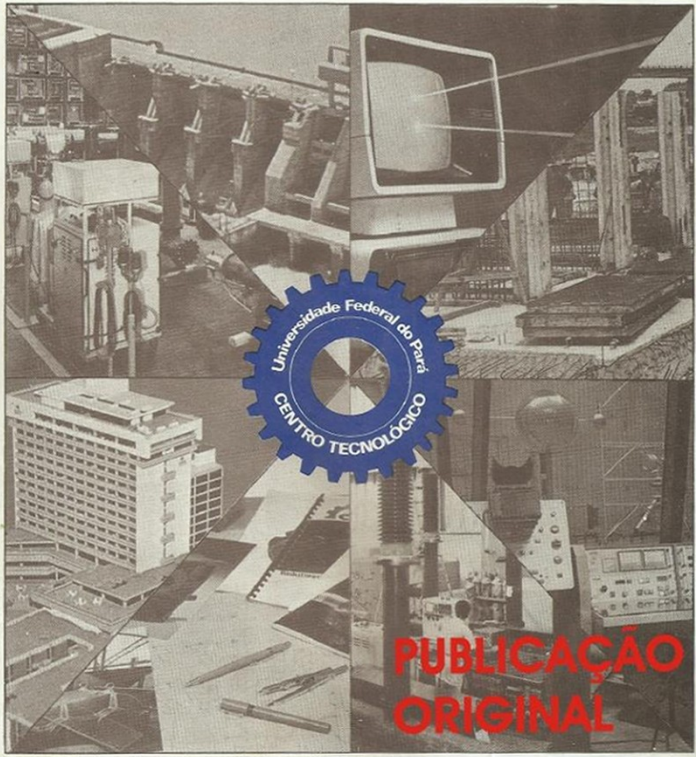
ISSN 0103-3387
Vol. 2, n. 1, janeiro/junho. 1989

revista do TECNOLÓGICO



Esboço da Evolução da Arquitetura Residencial em Belém, na Primeira Metade do Século

Carmen Lúcia Valério CAL
Profa. Arqta.

Análise da evolução da arquitetura na 1a. metade do século XX, em Belém do Pará.

Analyse of architeture evolution in first half time of twenty century in Belem of Para.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa apresentar resultados parciais de uma pesquisa em andamento no Departamento de Arquitetura da UFPA, sobre o processo evolutivo da arquitetura residencial em Belém, na primeira metade do século XX*.

Tratam-se de aspectos gerais de caráter analítico, ainda sem um grau suficiente de aprofundamento objetivando, através da divulgação, aumentar as fontes de informação pela colaboração de interessados.

---

*A pesquisa em andamento inclui:
- documentação fotográfica de exemplares significativos (no momento 55 imóveis);
- levantamento em plantas reduzidas de exemplares selecionados;
- levantamento em plantas mais detalhadas das obras de José Sidrin;
- montagem de um audio-visual com "slides";
- Pesquisa bibliográfica e em jornais

A equipe que participa da pesquisa é a seguinte:
- Arqta. Carmen Cal, coordenação
- Arqta. Ana Léa Matos
- Estudante de Arquitetura José Marques Morgado
- Bolsista Sylvia Christina Oliveira
- Arqta. Lília Maria Santos (colaboração)

A pesquisa recebeu auxílio financeiro do CNPq e colaboração de A PROVÍNCIA DO PARÁ, a quem agradecemos.

2 A TRANSIÇÃO SÉC. XIX/SÉC. XX

O processo evolutivo da arquitetura residencial em Belém na primeira metade do século XX esteve altamente determinado pelas sucessivas fases e características do sistema econômico regional. No entanto, a herança colonial permaneceu ainda por várias décadas, condicionando as soluções arquitetônicas sob vários aspectos, a partir, inclusive dos condicionamentos de uma estrutura urbana que muito pouco se modificou.

A fase notadamente mais marcante do chamado ciclo da borracha, que se inicia no final do século passado até quase a década de vinte, trouxe modificações importantes no panorama arquitetônico e urbano, com grande influência européia através tanto da importação de materiais, como de profissionais ligados à arquitetura.

Essa fase já foi objeto de alguns estudos publicados em livros e revistas, sendo o mais recente o realizado pela professora Jussara Derenji, também no Dep. de Arquitetura da UFPA.

A arquitetura desse período, objeto de investigações anteriores, e que se pode chamar de **erudita**, marcou muito o espaço construído da cidade, com grandes mansões, como o Palacete Bolonha, o Palacete Montenegro e outros. E é, sobre o período posterior, de arrefecimento da atividade econômica básica, suas origens, influências e características gerais em termos de arquitetura **vernacular** ou **popular**, que se dirige a pesquisa em andamento. Paralelamente, no entanto, a equipe realiza um estudo da obra de um famoso arquiteto do período, José Sidrin.

O padrão arquitetônico do século passado, sob a influência portuguesa, mantinha características bem marcantes quanto a princípios construtivos e muito particularmente quanto à implantação da construção no lote. Esse padrão marcou profundamente a estrutura da cidade e só se percebem inícios de modificação na década de 30, posteriormente, inclusive a outras cidades do país, como Rio de Janeiro e São Paulo.

A implantação das residências nos lotes dava-se geralmente, da seguinte forma: alinhamento da fachada com a testada do lote e com os limites laterais e quintal ao fundo do terreno.

Quanto às características construtivas havia uma homogeneidade bastante marcante: uma porta de entrada, geralmente em meio arco, com bandeiras vazadas em ferro ou madeira e vidro, janelas seguindo o mesmo padrão, com peitoris em ferro trabalhado. As mais simples sem grades nos peitoris, mas com janelas cortadas horizontalmente (V. fig. 01 e 02).

Os telhados em duas águas acabavam em pequeno beiral frontal de telhas de barro tipo canal ou colonial. Esse detalhe motivou inclusive uma norma do Intendente Antônio Lemos, posteriormente, exigindo que quaisquer melhoramentos a serem executados nas residências, só seriam aprovadas se incluíssem a construção de platibandas com sistema de calhas, para impedir que as águas pluviais dos telhados continuassem a cair diretamente nas calçadas.

O levantamento nos processos dos arquivos da Secretaria de Obras do Município, realizado pela equipe, do período 1900/1940 - os poucos que ainda existem - identificou inúmeras solicitações de licença apenas para construção de platibandas principalmente nas primeiras décadas.

Esse padrão construtivo tão uniforme motivou até que o detalhe do sistema de portas e janelas fossem utilizados como indicadores de **status**. A expressão... "é uma simples porta e janela"... era comum na comunidade como indicação do nível da construção e do poder aquisitivo de seu proprietário.

Levantamentos em jornais da época mostraram que os próprios anúncios de venda e aluguel de imóveis frequentemente utilizavam as expressões... "porta e quatro janelas"... "porta e duas janelas"... (Ex. O Estado do Pará - 02/7/1925 - pag. 3).

São muito poucas as habitações desse tipo que permanecem inalteradas, principalmente sem a construção de platibandas. Um exemplo o da residência sito à Trav. Gurupá, entre Dr. Assis e Dr. Malcher (V. fig. 03). Alterações aparentes apenas as grades de proteção recentes e talvez os adornos sobre os arcos da porta e janelas que, possivelmente, datam do início deste século, detalhe que aparece também na residência da fig. 01.

Outros detalhes típicos que caracterizam as residências do tipo colonial do século passado: as bandeiras das portas internas vazadas, em ferro trabalhado, o que melhorava a aeração, e um sistema de esgotamento de águas pluviais e servidas através de valas logo abaixo dos assoalhos de madeira, que eram lavadas frequentemente. O acesso a essas valas fazia-se através de uma tábua central, solta, que possuía fendas especialmente para esse fim (informações dos antigos moradores da residência da fig. 03).

O tipo de implantação no lote produzia, frequentemente, construção de residências em fita, às vezes com a utilização de quintais e poços por duas casas.

FIGURA 1 - **Residência Colonial com Platibanda. Descaracterização na Fachada Principal Trav. Pres. Pernambuco Esquina da Arcipreste Manoel Teodoro**

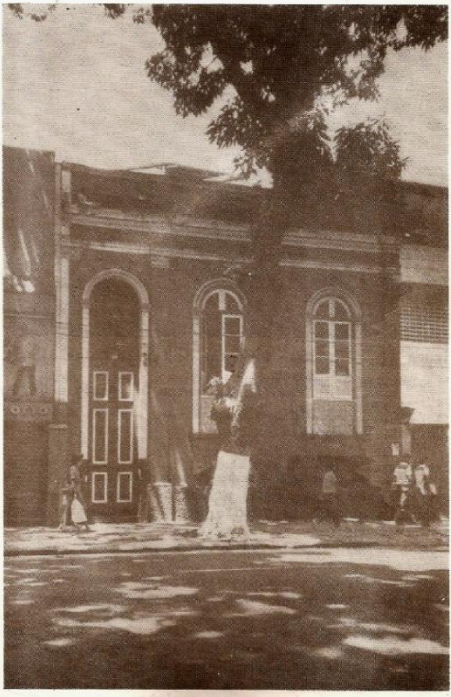


FIGURA 2 - **Estilo Colonial Simplificado, sem Azulejos, com Platibanda.**
Av. Nazaré entre Gen. Deodoro e Quintino Bocaiuva

FIGURA 3 - **Raro Exemplar de Estilo Colonial sem Platibanda.**
Trav. Gurupá entre Dr. Assis e Dr. Malcher

A distribuição em planta é largamente conhecida e perdurou durante muito tempo, mesmo no período eclético das primeiras décadas do século XX: sala, alcova, varanda, longo corredor com dormitórios abrindo para o mesmo ladeado por um saguão, cozinha, varanda para refeições e banheiro.

No O Estado do Pará de 02/07/1925, o anúncio mencionado anteriormente descreve a residência da seguinte forma: ... "porta, quatro janelas de frente, sala de espera, gabinete, alcova, sala de visita, três quartos, varanda, segunda varanda, cozinha, banheiro e W.C., porão habitável... sito à Trav. 14 de Abril letra K. Tratar João Carvalho."

Tratava-se, obviamente, de uma "importante habitação" segundo o anúncio cuja menção ilustra o tipo de acomodações das casas maiores, construídas ainda no século passado ou neste século, mas influenciadas por esses padrões.

Existem exemplos de residências do tipo colonial cuja implantação no terreno não segue a regra. Possivelmente eram **rocinhas**, casas no subúrbio, que dispunham de vastos terrenos. Selecionou-se os exemplos das fig. 04 e 05. A primeira, provavelmente, recebeu **decoração** eclética na fachada e platibanda em época posterior à construção.

Já no século XX, esse tipo tradicional de implantação no lote urbano começa a modificar-se. Surgem residências com afastamento lateral, com a entrada por portões que davam acesso a uma espécie de pátio, ou varanda, geralmente coberta e elevada: já que as casas dispunham de porão - com peitoris de ferro trabalhado, por onde se tinha acesso à residência. A fachada, porém, permanecia no alinhamento do terreno. Exemplos na fig. 06. Muitas vezes esse acesso lateral coin-

cidia com os limites do terreno (V. fig. 07). Surgem também exemplares com dois acessos laterais, como o da fig. 08. Em casas mais luxuosas aparecem os jardins laterais, como valorização paisagística e os pátios começam a fugir do sistema corredor, como na fig. 09.

Nesses últimos exemplos percebe-se claramente que as alterações do padrão arquitetônico do século passado só foi basicamente modificado no que concerne aos afastamentos laterais e à **decoração** eclética das fachadas. O porão dissemina-se intensamente, abrigando áreas de serviço como lavanderias, casa de bombas, cisternas, dormitórios e santiários de empregados.

Segundo Nestor Goulart REIS F°[1] essas transformações aconteceram entre 1850 e 1900, nos centros mais adiantados. Em Belém, parece que o processo foi mais lento, existindo muito poucos exemplares assim do século passado e em maior quantidade, já nos anos 10.

Esse tipo de implantação vai evoluindo no sentido de uma libertação da casa dos limites do lote. Surgem os afastamentos frontais e um novo padrão arquitetônico, misto de chácara ou rocinha e sobrado, padrão esse que, em Belém, acabou assumindo a herança européia dos **chalets** e posteriormente dos **bungalows**, na década de 30/40.

Antes porém de tratar desse novo padrão é necessário que se faça algumas análises sobre o ecletismo na arquitetura residencial em Belém.

3 O ECLETISMO

O movimento eclético na Arquitetura no Brasil é produto do desaparecimento dos escravos e da consequente forte imigração estrangeira do início do século. Esses imigrantes traziam o tipo de **cultura** arquitetônica tradicional de seus países de origem.

Em Belém, é também produto do enriquecimento da elite através da exportação da borracha, que passou a realizar inúmeras viagens ao exterior, principalmente Europa.

É produto ainda da penetração comercial de firmas estrangeiras no país, através da importação de máquinas para fabricação de elementos construtivos, como tijolos, telhas, etc., peças para construção como escadas, grades, etc. de ferro e elementos decorativos e até mesmo catálogos de materiais e projetos arquitetônicos.

A pesquisa em jornais encontrou inúmeros exemplos de anúncios de firmas estrangeiras desse tipo, como:

- A Província do Pará - 15/07/1922 - pag. 2 - anúncio longo, redigido num misto de espanhol e português, oferecendo máquinas para fabricação de telhas com detalhes técnicos e..... "grande coleção de projectos de Chalets que resultam sumamente econômicos e podem fabricar-se por o sistema de nuestra máquina. As telhas e ladrilhos não necessitam coccion - LA COMPAÑIA RUÑA, Espanha".
- O Estado do Pará - 02/07/1925 - pag. 3 - anúncio oferecendo "Álbum de Casas de Estilo".

Todo esse processo refletia-se na arquitetura de Belém de duas formas: **ecletização** de residências ainda de padrão colonial através da **decoração** de fachadas e interiormente e construção de residências totalmente diferentes do padrão colonial, adotando integralmente estilos importados.

Do primeiro tipo Belém possui ainda inúmeros exemplares que, em sua grande maioria, guardam, internamente, a organização colonial, mesmo quando a construção data das primeiras décadas deste século. Quanto ao segundo tipo, aquele da adoção de estilos importados e não só nas fachadas, existem poucos exemplares em Belém, com exceção do tipo **chalet** que foi amplamente difundido.

Essa mencionada **decoração** de fachadas aparecia, geralmente, nas platibandas com inspiração francesa (fig. 01), mulçumana, ou mesmo mistura de motivos e fontes de inspiração. Além das platibandas a **decoração** atingia os arcos das janelas e portas, as colunas de **estilo clássico**, o próprio desenho das janelas e portas, com vidros trabalhados, frontões, destacando janelas.

Na Av. Generalíssimo Deodoro, entre Av. Nazaré e Av. Gov. José Malcher, destacam-se quatro exemplares contíguos desse tipo de arquitetura. São as residências das fig. 07, 10, 11 e 12, O exemplar da fig. 08 é também marcante.

Entre essas casas um caso curioso pelo uso abusivo de elementos decorativos na fachada, é o da residência de nº 1170 da Generalíssimo Deodoro (fig. 12), onde hoje funciona a CAPAF. Segundo informações obtidas com funcionário da instituição e com vizinhos, o primitivo proprietário iniciou a construção no começo do século, mas a abandonou por muitos anos. Por volta de 1925 a construção teria sido retomada pela firma J.S. de Freitas. Essa informação foi parcialmente confirmada através de um artigo publicado no O Estado do Pará de 26 de setembro de 1925 que, sob o título **A Modernização da Cidade**, cita um prédio nº 108 B à Av. Gen. Deodoro, em construção, mencionando o nome do proprietário e sua condição de gerente do Banco do Brasil, o que coincide com informações obtidas anteriormente.

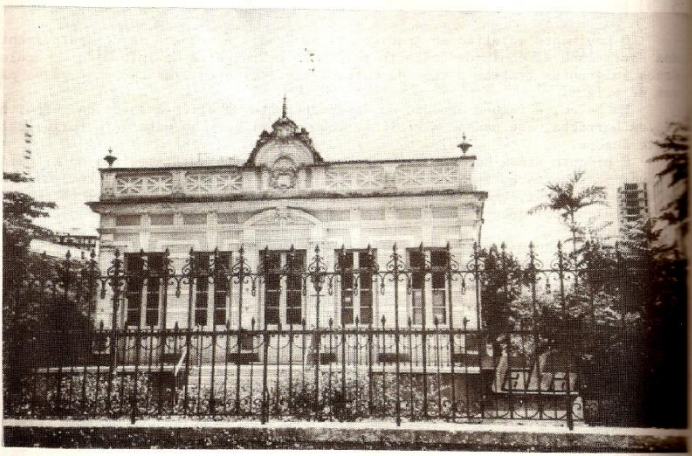


FIGURA 4 - **Av. Gov. José Malcher entre Quintino Bocaiúva e Almirante Wandenkolk.**

FIGURA 5 - Av. Gov. José Malcher Esquina da Almirante Wandenkolk.

FIGURA 6 - Fachada em Estilo Colonial com Porão, Acesso Lateral. Platibanda com Inspiração Muçulmana. Av. Gen. Deodoro entre Av. Nazaré e Gov. José Malcher.

FIGURA 7 - Exemplo Acesso Lateral. Fachada Eclética mas Implantação no Lote e Divisão Interna nos Moldes Coloniais.
Av. Gen. Deodoro entre Nazaré e Gov. José Malcher

FIGURA 8 - Exemplo Dois Acessos Laterais. Fachada Eclética mas Sistema de Janelas e Alinhamento Frontal nos Moldes Coloniais.
Av: Nazaré entre Gen. Deodoro e Quintino Bocaiuva.

FIGURA 9 - Implantação com Afastamento Lateral, Pátio de Acesso em Semi-Círculo. Alinhamento Frontal e Disposição de Portas e Janelas do Tipo Colonial. Fachada Eclética.
Av. Nazaré Esquina da Quintino Bocaiúva.

FIGURA 10 - Exemplo de Fachada com Decoração Eclética.
Av. Gen. Deodoro entre Nazaré e Gov. José Malcher.

FIGURA 11 - Exemplo de Fachada Eclética com Inspiração Muçulmana.
Av. Gen. Deodoro entre Nazaré e Gov. José Malcher.

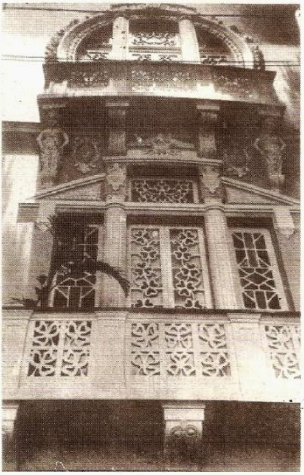


FIGURA 12 - Detalhe da Fachada da Residência sito à Av. Gen. Deodoro entre Nazaré e Av. Gov. José Malcher.

Trata-se de uma casa com dois pavimentos e com pé-direito de aproximadamente 4,5m e porão bastante elevado com duas entradas laterais do tipo pátio coberto, no alinhamento da rua. É uma casa extremamente luxuosa, tipicamente eclética, abusando de enfeites nos arcos, decorações de paredes, vidros coloridos nas janelas e atlantes como sustentação de sacadas, tudo das mais diversas fontes de inspiração.

Internamente a profusão de detalhes decorativos continua nos tetos, arcos de separação de ambientes (onde aparecem figuras de dragões), azulejos com diferentes motivos conforme o ambiente, etc.

A divisão interna não difere muito dos padrões coloniais.

Outros exemplares de tipo eclético destacam-se, todavia, pela sobriedade e delicadeza de motivos decorativos, notadamente nos elementos em ferro, como peitoris, colunas, lambrequins. É assim o exemplar da Av. Nazaré nº 242 (fig. 13 e 14) que se destaca pelas razões mencionadas e pela utilização de proteções de janelas em ferro e vidro e por um curioso passadiço na lateral direita com cobertura de vidro. Seria uma espécie de jardim de inverno?

Outro exemplar significativo situa-se na Rua Veiga Cabral nº 622/630, no chamado **Ferro de Engomar** com a particularidade de serem residências geminadas, o que não era pouco comum na época. As grades de ferro apresentam-se também finamente elaboradas (fig. 15).

Um exemplar do início do século que apresenta mistura de estilos mas predominando uma certa inspiração mulçumana é a residência sito à Trav. Quintino Bocaiuva 725 esquina do chamado **Largo do Redondo**, cuja fachada principal apresenta decoração em estilo mourisco com azulejos decorados e portão em ferro trabalhado. Destaca-se ainda pelo torreão em escamas, muito semelhante a exemplos considerados por E. Kneese de MELO[2] como neo-clássicos: Palácio Monroe e Teatro Municipal do Rio de Janeiro, se bem que mais simples (fig. 16).

Segundo artigo publicado no O Estado do Pará a 26 de setembro de 1925, essa residência teria sido remodelada e acrescida, nessa época, "de um belvedere, construído sob o plano do architeto José Sidrin".

Encontram-se numerosas referências em artigos e anúncios de jornais a residências em **estylo americano** ou **estylo americano moderno**, mas são poucos os exemplares remanescentes (ex. O Estado do Pará de 09/11/25).

Na Trav. Boaventura da Silva nº 1545, entre Alcindo Cacela e 9 de Janeiro, encontra-se um exemplar que imita as residências coloniais do sul dos Estados Unidos, mas segundo informações, teria sido construído já no final da década de 50 ou início da de 60.

A referência mais frequente que se encontra em jornais, quer em artigos, quer em anúncios de venda ou aluguel ou oferta de projetos, é ao estilo **chalet**.

Um dos exemplares mais requintados desse tipo de arquitetura eclética continua sendo o Palacete Bolonha na Dr. Assis com inspiração **art nouveau**.

FIGURA 13 - Residência com Fachada com Elementos Neo-Clássicos. Platibanda Desconforme. Av. Nazaré entre Benjamim Constant e Dr. Moraes.

FIGURA 14 - Detalhe da Residência da fig. 13.

FIGURA 15 - Residência Geminada com Inspiração Neo-Clássica.
Rua Veiga Cabral 622/630 em Frente ao Largo "Ferro de Engomar".

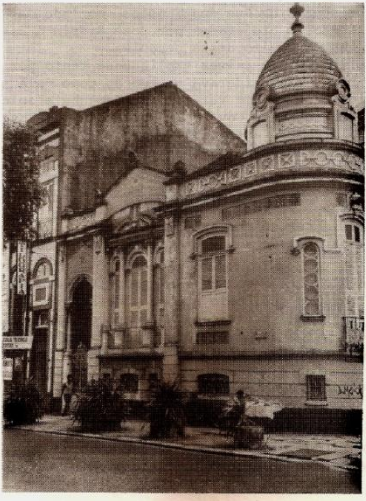


FIGURA 16 - Residência de Influência Mourisca sito à Trav. Quintino Bocaiúva 725, Pça. Infante D. Henrique.

4 O ESTILO CHALET

Entre os padrões arquitetônicos ecléticos aqui denominados de 2º tipo, destacam-se os **chalets**.

Quanto a eles chama a atenção a sua enorme difusão, desde os mais requintados, projetados por arquitetos como José Sidrin, até os mais simples, construídos nas década de 30 e 40, até para residência de aluguel.

Os **chalets**, que segundo Giovana R. del BRENNA[3] estiveram na moda no período 1870-80 no Rio de Janeiro, estranhamente passou a constituir o **estilo** favorito em Belém, já após o declínio da atividade de exportação da borracha, principalmente após 1920.

O tipo encontrado em Belém difere daquele disseminado na Ilha do Mosqueiro que se caracteriza por telhados de duas águas com empenas voltadas para a rua, lambrequins de madeira recortada e com varandas laterais ou em volta de toda a residência.

Em Belém, eles seguiram mais o estilo de habitação rural européia, isolados no terreno, com intensa movimentação de telhados, sótãos (às vezes apenas imitação) com óculos ou pequenas janelas, geralmente sem pátios, os quais, quando surgem, são mais do tipo sacada.

Internamente constituíam-se de inúmeros pequenos compartimentos, com várias saletas. A maioria com dois andares ficando o segundo para os dormitórios.

Entre os exemplares mais requintados citam-se: o Solar Passarinho, na Av. Magalhães Barata esquina da Trav. 3 de Maio; a atual residência do Comandante da 8a. Região Militar na Rua Dr. Moraes entre a Av. Gov. José Malcher e Nazaré; a residência dos Franciscanos na Rua dos Tamoios, ao lado da Praça Batista Campos. Os três exemplares foram projetados por José Sidrin e estão sendo analisados com maiores detalhes no âmbito desta pesquisa.

A difusão do estilo **chalet** talvez explique-se tanto por ser algo **diferente** na região ou **moderno** como se considerava na época, como pela sua facilidade de construção, possibilidade de enorme variação de tamanho e solução de telhado.

Na Av. Alcindo Cacela entre Gov. José Malcher e Magalhães Barata, encontram-se inúmeros exemplares bastante simplificados, quer isolados, quer em conjuntos de duas e até cinco unidades geminadas.

Segundo informações de moradores de um deles, no período do 2º governo de Magalhães Barata, esse perímetro estava ainda muito desocupado e o Governador teria dado um prazo aos proprietários de terrenos para que construíssem nos seus lotes sob pena de virem a ser desapropriados.

Seria uma razão para a adoção de um estilo **barato** de fácil construção, a maioria para aluguel.

No início do século, era comum um sistema de venda de residências através das chamadas Caixas Prediais que, pelo que se pode aduzir de anúncios de jornais, funcionavam num sistema de prestações ao longo de anos, com sorteios mensais entre os prestamistas. Muitos anúncios foram observados nos jornais, com desenhos das casas a serem sorteadas, sendo as mesmas quase que invariavelmente em **estilo chalet**. Ver A Província do Pará de 23/07/1922, pag. 2, que anunciava uma residência "projeto e construção de Meanda Curity e Cia. A casa que será sorteada no centenário".

Em pesquisa realizada no minucioso livro de Jean DOLFUS, **Aspectos de la Arquitectura Popular en el Mundo**[4], observou-se semelhanças de solução volumétrica e de telhados dos **chalets** de Belém com, principalmente, os das seguintes regiões européias:

- Alta Normandia, Bray;
- fronteira da Suiça e Alemanha;

- região de Champagne, próxima à Alemanha (casos inclusive de tipos geminados);
- Alsacia, principalmente quanto à solução de alas perpendiculares e tipos de telhado;
- região de Wertemberg, Baden, Alemanha, próxima à fronteira da França.

Interessante que uma região de clima equatorial tenha ido buscar inspiração numa arquitetura típica de montanhas geladas...

Mesmo entre os exemplares mais simples, observa-se grande variação volumétrica através das soluções de telhados apresentadas (V. figs. 17 a 22).

Afora a solução volumétrica externa, geralmente bastante interessante, dificilmente encontra-se em seu interior razões para tão larga utilização desse padrão em Belém.

Quanto à funcionalidade seus méritos são reduzidos. O excesso de compartimentos não parece condizer com os hábitos da população da época. Várias saletas para fins específicos contradizendo os hábitos gregários dos paraenses. A falta de pátios espaçosos tão presente nos **chalets** encontrados no Mosqueiro, forçava às vezes que a reunião noturna familiar acontecesse em alguma área externa. As escadas quase que invariavelmente eram estreitas e muito íngremes. Nota-se que em alguns casos até uma localização errônea dessas escadas, como se tivessem sido planejadas a posteriori: lances de escada encostados em janelas, impedindo sua abertura.

As dependências de empregados situavam-se em anexos no fundo do quintal, guardando certa harmonia volumétrica com o corpo principal das casas. Em alguns casos, atualmente, esses anexos foram separados da residência principal através de muros, e abrigam famílias independentes. É o caso do **chalet** da fig. 18.

Quanto às condições de conforto, alguns detalhes são importantes. A frequente utilização de portas internas com bandeiras **vazadas**, a altura do pé-direito e o sistema de janelas contribuíam muito para amenizar as condições de clima.

Quanto às janelas destaca-se como muito apropriado ao clima quente e chuvoso, o sistema misto de venezianas e vidro. As folhas cortadas horizontalmente permitiam a abertura apenas da parte superior, o que resguardava a privacidade interna ao mesmo tempo que permitia a circulação de ar. Em alguns casos a parte de venezianas e de vidros possuía **janelinhas** inteiriças que possibilitavam vedação total em caso de necessidade. Essas janelas possuíam ainda bandeiras fixas em madeira e vidro, muitas vezes coloridos.

O estilo **chalet** permaneceu ainda por várias décadas, até mais ou menos o início de 50, quando foi sendo substituído aos poucos pelo tipo **bungalow**, que, mais tarde por sua vez adquiriu o gosto **cubista** (segundo terminologia de Nestor Goulart REIS Fº) dos quais inúmeros exemplares ainda encontram-se em Belém (V. fig. 23).

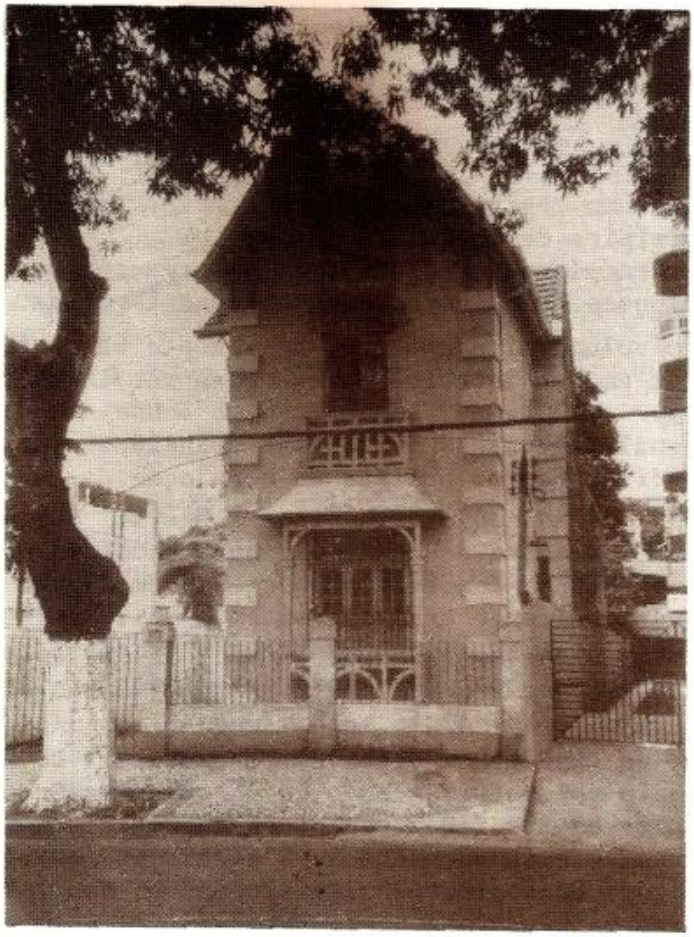


FIGURA 17 - **Chalet na Av. Gov. José Malcher 884, entre Quintino Bocaiuva e Joaquim Nabuco.**

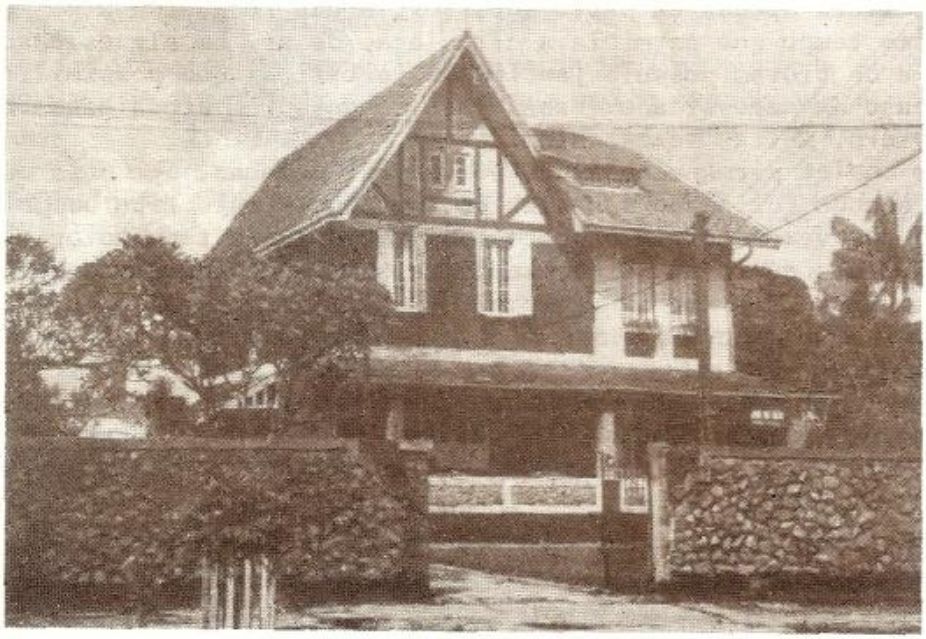


FIGURA 18 - **Chalet onde Funcionou a Escola de Arquitetura na Av. José Bonifácio nº 964 entre Mundurucus e Gentil Bittencourt.**

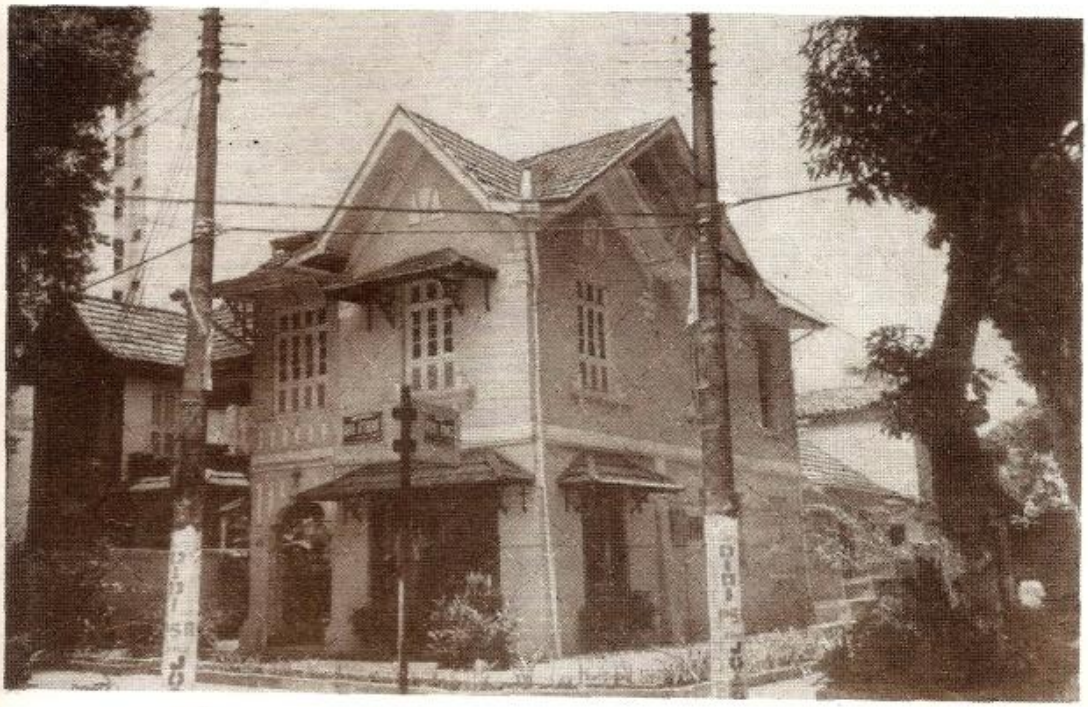


FIGURA 19 - **Chalet na Esquina da Gentil Bittencourt com Presidente Pernambuco.**

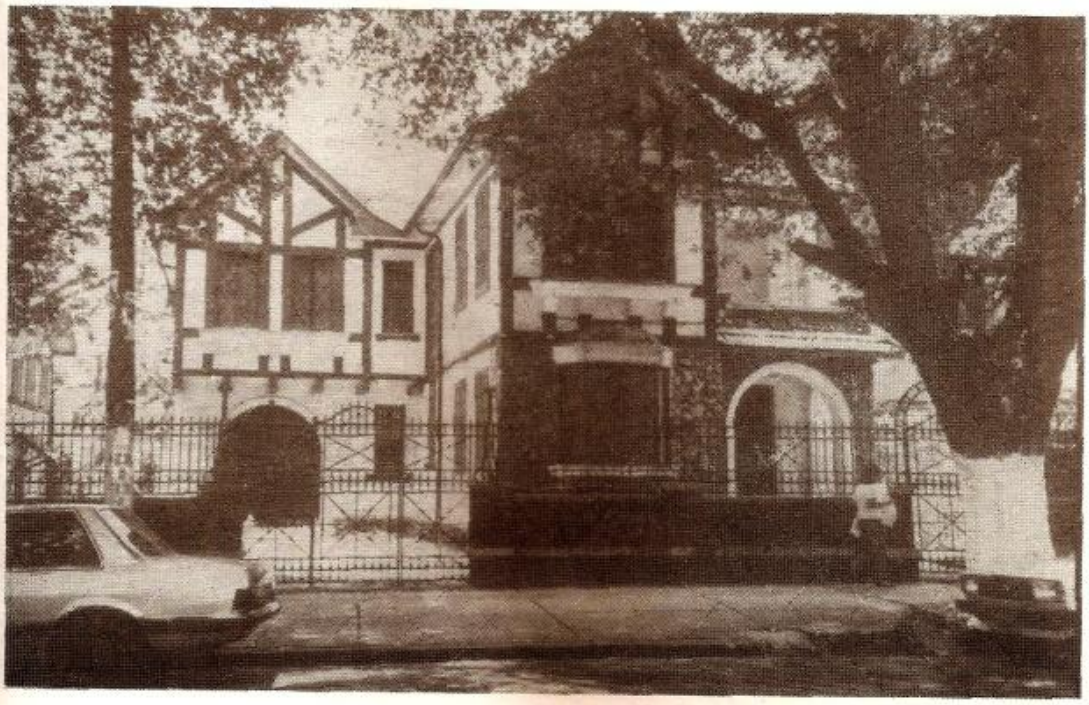


FIGURA 20 - **Chalet na Av. Gentil Bittencourt entre Pres. Pernambuco e Serzedelo Correa.**

FIGURA 21 - **Chalet na Almirante Tamandaré Próximo ao Largo da Trindade.**

FIGURA 22 - **Chalet na Rua Conselheiro Furtado nº 631 entre Padre Eutíquio e São Pedro.**

FIGURA 23 - **Exemplo da Evolução de "bungalow" com Concepção de Retas e Curvas ao Gosto "Cubista". Av. Nazaré 231. Projeto Engº Judah Levy.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 - REIS Fº, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo. Perspectiva, 1970.

2 - MELO, Eduardo Kneese de. **Evolução da Arquitetura no Brasil**. MEC/SESU. Brasília/Porto Alegre, 1983.

3 - DEL BRENNA, Giovana Rosso. Ecletismo no Rio de Janeiro (séc. XIX-XX) in FABRIS (org.) **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. Nobel Edusp, São Paulo, 1987.

4 - DOLFUS, Jean. **Aspectos de la Arquitetura Popular en el Mundo**. Editorial Gustavo Gilli. Barcelona, 1955.